

DESCONSTRUÇÃO DA IDEIA DE UNIVOCIDADE NA FLEXÃO VERBAL DO PORTUGUÊS

Vítor de Moura Vivas (UFRJ/IFRJ)
vitorvivas@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, demonstramos como existem expedientes morfológicos diversificados para expressar conteúdos de modo-tempo-aspecto no português. No uso, a univocidade, muitas vezes, não ocorre. O que se verifica, efetivamente, é a existência de uma série de expedientes morfológicos para expressar um conteúdo, além da utilização de expedientes sintáticos que são descritos pela tradição gramatical como marcas de outros tempos verbais.

Palavras-chave: Flexão. Verbo. Mudança. Uso. Materializações. Variedade.

1. Introdução

Muitas vezes, pelo que se aprende na escola ou pelo que se vê em gramáticas e livros didáticos, acredita-se que há muitos conteúdos modo-tempo-aspectuais expressos através de relações unívocas (um afixo para expressar um conteúdo). Verificamos, em nossa pesquisa, que a univocidade está longe de ser uma característica da flexão verbal de modo-tempo-aspecto no português do Brasil. Além de haver variados expedientes morfológicos, é também comum que ocorram expedientes sintáticos diversificados para expressar um conteúdo modo-tempo-aspectual. Neste artigo, explicitamos todos os meios formais de materialização de uma noção de modo-tempo-aspecto que verificamos no uso do português.

2. As materializações formais existentes no uso

O critério meios de materialização, fundamentado na noção de univocidade, relação de uma forma para um conteúdo, aponta que conteúdos flexionais só têm manifestação morfológica. Quando há outras estratégias, além da morfológica, para expressar um conteúdo, diz-se que o conteúdo é derivacional (GONÇALVES, 2011).

No português, há concorrência de estratégias para indicar um conteúdo modo-tempo-aspectual. Uma noção modo-tempo-aspectual, muitas vezes, possui, em português, mais de uma forma de ser materializada morfológicamente, além de apresentar materializações sintáticas, como

se vê em (1), a seguir:

(1)

Noção de futuro do presente:

Amanhã, eu *falarei* com ela.

Amanhã, *irei falar* com ela.

Amanhã, eu *vou falar* com ela.

Eu *falo* com ela *amanhã*.

Noção de pretérito imperfeito:

Eu *saiá* com ela sempre às segundas.

Eu *ia sair* com ela sempre às segundas.

Ela *cantava* sempre naquele bar.

Ela *ia cantar* sempre naquele bar.

Noção de futuro do pretérito:

Se eu fosse você, eu *falaria* com ela amanhã.

Se eu fosse você, eu *iria falar* com ela amanhã.

Se eu fosse você, eu *falava* com ela amanhã.

Se eu fosse você, eu *ia falar* com ela amanhã.

Noção de imperativo:

Vocês, *venham* logo aqui.

Vocês, *vêm* logo aqui.

Vocês *vão vir* logo aqui.

Vocês *virão* logo aqui.

Noção de pretérito mais-que-perfeito:

Ele *jogara* futebol há muitos anos quando se tornou técnico.

Ele **tinha** (*havia*) **jogado** futebol há muitos anos quando se tornou técnico.

Ele **jogou** futebol há muitos anos; depois, tornou-se técnico.

Para indicar futuro do presente, além do uso do afixo de modo-tempo-aspecto de futuro do presente, *re-*; *ra-*, como em ‘falarei’; ‘falará’, utiliza-se também a forma do presente do indicativo em um verbo modificado por um adjunto adverbial que indique futuro: ‘falo amanhã’. Além disso, ocorrem expressões sintáticas para manifestar essa noção: ‘irei falar’; ‘vou falar’. Além das marcas morfológicas *-va* e *-ia*, para expressar o conteúdo pretérito imperfeito, utiliza-se também a estratégia sintática: ‘ia cantar’; ‘ia sair’ (verbo ‘ir’ no pretérito imperfeito do indicativo + verbo principal no infinitivo).

Para indicar futuro do pretérito, além da estratégia morfológica (*-ria*), como em ‘falaria’, ocorre a utilização da marca de pretérito imperfeito, com certa frequência, nesses contextos (*-va*): ‘falava’. Além disso, os falantes também lançam mão de estratégias sintáticas para veicular a noção de futuro do pretérito: ‘iria jogar’ (materialização sintática do futuro do pretérito); ‘ia jogar’ (materialização sintática do pretérito imperfeito).

Para expressar a noção encontrada em formas imperativas, é comum utilizar-se a expressão morfológica de tempo presente do indicativo: ao lado de ‘venham’ (imperativo), ocorre ‘vêm’ (presente do indicativo). Um outro uso frequente para dar ordens, conselhos ou fazer pedidos às pessoas (contexto de imperativo) é preencher o sujeito (que representa o interlocutor) e colocar o verbo no futuro através de estratégia morfológica (‘vocês virão’) ou sintática (‘vocês vão vir’).

A noção de pretérito mais-que-perfeito tem materialização morfológica (‘jogara’) e materialização sintática (‘tinha jogado’, ‘havia jogado’). Uma outra possibilidade de realização formal no contexto de pretérito mais-que-perfeito, atestada no uso da língua, é o uso do verbo no pretérito perfeito (‘jogou’).

Há outros contextos modo-tempo-aspectuais para os quais existem variadas estratégias para veicular um significado. Frequentemente, em algumas variedades da língua, utilizam-se marcas morfológicas do modo indicativo em contexto de subjuntivo: ao lado de “Você quer que eu te chame de quê?”, ocorre o uso “Você quer que eu te chamo de quê?”. Verificamos abaixo as possibilidades de manifestação morfológica nos tempos ‘presente’ e ‘futuro’ do ‘modo subjuntivo’:

(2)

Noção de presente do subjuntivo:

Duvido que ele **jogue** mais que eu.

Duvido que ele **joga** mais que eu.

Noção de futuro do subjuntivo:

Se ele **falar** comigo, eu explico toda a situação.

Se ele **fala** comigo, eu explico toda a situação.

Para manifestar o conteúdo presente do subjuntivo no português do Brasil, ocorre uma variação entre o uso de marcas morfológicas de presente do subjuntivo (apresentado na norma padrão) e o uso de presente do indicativo. O presente do indicativo também é utilizado com frequência no contexto de futuro do subjuntivo.

Através da análise do uso de verbos no português do Brasil, não se verificam apenas estratégias morfológicas na manifestação dos conteúdos de modo-tempo-aspecto. Além disso, é uma ilusão pensar na existência de relações unívocas. Além de expressões sintáticas em diversos contextos de modo-tempo-aspecto, ocorrem também manifestações morfológicas não previstas pela tradição⁹⁵. Marcas formais idênticas são usadas para expressar diferentes significados modo-tempo-aspectuais: presente do indicativo para expressar a noção de futuro do presente e futuro do subjuntivo; pretérito imperfeito do indicativo ocorrendo no contexto de futuro do pretérito etc.

Um outro meio de materialização morfológica sistemático e frequente nas construções verbais do português é a fusão. Bybee (1985, p. 36) sistematiza o processo morfológico fusão da seguinte maneira: “Conteúdos relevantes semanticamente tendem a se fundir no radical dos verbos. Desse modo, significados gramaticais relevantes tendem a aparecer expressos no radical dos verbos”.

Mudanças no radical verbal, muitas vezes, são reflexos de fusão de algum conteúdo gramatical. Vivas (2011) verifica, em português, fu-

⁹⁵ Certamente, cada manifestação morfológica ou sintática que ocorre em determinado contexto apresenta um significado ou função pragmática diferente; não há sinônimos perfeitos na língua. Não nos interessa analisar as diferenças entre usos num mesmo contexto, mas sim verificar que há estratégias diversificadas atuando num mesmo contexto.

são de conteúdos de modo-tempo-aspecto e de número-pessoa no radical do verbo.

2.1. A fusão: outro meio de materialização morfológica

Uma outra maneira de expressar conteúdos gramaticais no português é por fusão no radical do verbo. Vivas (2011) analisa fusões de conteúdos modo-tempo-aspectuais e número-pessoais, sistematizando esse processo em língua portuguesa. A marca morfológica de 1ª e 3ª pessoas do singular, na grande maioria dos tempos verbais do português, é considerada “zero”. Verificamos que, muitas vezes, a língua utiliza a fusão (mudança no radical do verbo) para expressar essas noções; a fusão parece ser uma maneira de compensar a marca “zero”, uma ausência de expressão formal. Abaixo, vemos exemplos de fusão de NP por alternância vocálica:

(3)

Padrão A:

t[i]ve	est[i]ve	f[u]i	p[u]de
t[e]ve	est[e]ve	f[o]i	p[o]de

Padrão B:

cons[i]go	div[i]рто	desc[u]bro	d[u]rmo
cons[ε]gue	div[ε]рте	desc[ɔ]bre	d[ɔ]rme

Nesses dados, a informação de primeira e terceira pessoa ocorre pela qualidade da vogal na sílaba tônica do radical. Desse modo, vogal alta indica 1ª pessoa do singular e vogal média, 3ª pessoa do singular. Vivas (2011) observou a existência de dois padrões (A e B) nos casos de fusão por alternância vocálica, como observamos acima. No padrão A, encontram-se os casos de fusão de P1 e P3 no pretérito perfeito do indicativo; a vogal média, nesse caso, é sempre média-alta. Além disso, a alternância vocálica é a única responsável pela informação de P1 e P3.

No padrão B de fusão por alternância vocálica, a vogal média é realizada como média-baixa (‘desc[ɔ]bre’; ‘div[ε]рте’), exceto quando antecede uma consoante nasal (‘cons[o]me’; ‘desm[e]nte’). Nesse padrão, a informação de número-pessoa acontece no presente do indicativo: a fusão em P1 coocorre com a marca -o (em ‘acudo’, reforça-se a noção de P1 expressa na marca -o). Já em P3, a alternância vocálica é a única res-

ponsável por informar 3ª pessoa do singular (‘ac[ɔ]de’).

Ocorrem outros expedientes de fusão número-pessoal no português; dentre estes, podemos citar, no contexto de presente do indicativo, ditongação (‘leio’; ‘creio’), mudança na consoante final do radical (‘perco’; ‘posso’; ‘digo’; ‘ouço’) e inserção consonantal (‘vejo’; ‘tenho’; ‘venho’). Nesses três casos, a fusão reforça a noção de P1, visto que as modificações no radical coocorrem com a marca *-o*, que já expressa a noção de primeira pessoa do singular.

Mesmo quando, na norma culta, não há distinção entre a altura da vogal na 1ª e na 3ª pessoa, em algumas variedades linguísticas, o falante realiza esse padrão (vogal alta → 1ª PESSOA DO SINGULAR; vogal média → 3ª pessoa do singular). Assim, verificamos usos como ‘tr/**u**/xe’; ‘c/**u**/be’; ‘s/**u**/be’ (P1 – padrão A) e ‘v/**ε**/ve’; ‘corr/**ε**/ge’; ‘div/**ε**/de’ (P3 – padrão B). Os falantes identificam um padrão morfológico na língua e passam a aplicá-lo produtivamente.

No português, ocorre também fusão de modo-tempo-aspecto. Para informar presente do indicativo, a literatura morfológica demonstra que há uma marca morfológica “zero” (CÂMARA JR., 1970; LAROCA, 1994; KEHDI, 1990). Verificamos, porém, uma tendência, no português, a abrir a vogal tônica do radical no presente do indicativo, na 1ª Conjugação, e defendemos que isso é um exemplo de fusão do conteúdo PRESENTE no português através da alternância vocálica. Assim, há, na língua, a estratégia de abrir a vogal tônica (média) do radical para indicar presente, como vemos, abaixo, na conjugação dos verbos *jogar* e *pegar*:

(4)

Quadro Pronominal na Norma Padrão

Eu	j/ɔ/go	p/ε/go
Tu	j/ɔ/gas	p/ε/gas
Ele	j/ɔ/ga	p/ε/ga
Nós	jogamos	pegamos
Vós	jogais	pegais
Eles	j/ɔ/gam	p/ε/gam

Quadro pronominal de uso no Brasil

Verbo 'jogar':

Eu	j[ɔ]go
Você ~ Tu	j[ɔ]ga ~ j[ɔ]gas ⁹⁶
Ele	j[ɔ]ga
Nós ~ A gente	j[o]gamos ~ j[ɔ]ga
Vocês	j[ɔ]gam
Eles	j[ɔ]gam

Verbo 'pegar':

Eu	p[ɛ]go
Você ~ Tu	p[ɛ]ga ~ p[ɛ]gas
Ele	p[ɛ]ga
Nós ~ A gente	p[e]gamos ~ p[ɛ]ga
Vocês	p[ɛ]gam
Eles	p[ɛ]gam

É importante reforçar que a abertura de vogal (realização da média-baixa) acontece também no imperativo e no presente do subjuntivo; todos esses tempos têm em comum a informação de presente (LIMA, 1975; VIVAS, 2009). Esse padrão de abertura de vogal é regular na primeira conjugação e, sempre que possível, o falante realiza a vogal média-baixa em prol da informação de presente: *r/ɔ/bo*; *r/ɔ/ba*; *r/ɔ/bam*; *est/ɔ/ro*; *es/ɔ/ra*; *est/ɔ/ram*.

Verificamos, então, que, em português, para indicar um significado verbal de modo-tempo-aspecto, além de manifestações sintáticas e de manifestações morfológicas não previstas pela tradição (marcas de pretérito imperfeito no contexto de futuro do pretérito, uso de verbo no presente para expressar futuro), pode ocorrer informação gramatical através do mecanismo fusão (expediente morfológico produtivo). Verificamos abaixo outros casos de fusão do conteúdo de presente por alternância vocálica realizados no uso, mesmo estando em desacordo com a norma padrão:

⁹⁶ No uso efetivo do Rio de Janeiro, é frequente o pronome tu com o verbo flexionado em 3ª pessoa do singular ('alm[ɔ]ça'). Essa forma não é marcada negativamente pelos falantes e vem se tornando cada vez mais frequente. Na Região Sul, o pronome tu com o verbo em 3ª pessoa é uma variante com alta realização.

(5)

almejar: alm[ε]ja, alm[ε]jo	arejar: ar[ε]ja, ar[ε]jo
azulejar: azul[ε]jo, azul[ε]ja	bocejar: boc[ε]jo, boc[ε]ja
invejar: inv[ε]ja, inv[ε]jo	velejar: vel[ε]ja, vel[ε]jo
anexar: an[ε]xo, an[ε]xa	vexar: v[ε]xo, v[ε]xa
bochechar: boch[ε]cho, boch[ε]cha	desfechar: desf[ε]cha, desf[ε]cho
fechar: f[ε]cha, f[ε]cho	flechar: fl[ε]cha, fl[ε]cho
espelhar: esp[ε]lho, esp[ε]lha	aparelhar: apar[ε]lho, apar[ε]lha
destelhar: dest[ε]lho, dest[ε]lha	Roubar: r[ɔ]bo, r[ɔ]ba
Agourar: ag[ɔ]ro, ag[ɔ]ra	Estourar: est[ɔ]ro, est[ɔ]ra
Pousar: p[ɔ]so, p[ɔ]as	Repousar: rep[ɔ]so, rep[ɔ]sa

Não são muito comuns usos como ‘far[ε]ja’, ‘fest[ε]ja’, ‘gagu[ε]ja’, ‘man[ε]ja’, ‘plan[ε]ja’, ‘assem[ε]lha’, ‘acons[ε]lha’, mas, se passarem a ocorrer na língua, estarão a serviço da informação de presente. Mesmo quando a vogal média é modificada por uma semivogal, há uma tendência a abrir essa vogal. Verificamos essa abertura no ditongo “eu”: ‘end[ε]usa’, ‘end[ε]uso’, ‘end[ε]use’. No ditongo ‘ei’, essa abertura é vista em formas terminadas em ‘eiçar’, como ‘desb[ε]iça’, ‘desb[ε]iço’, ‘desb[ε]ice’; ‘emb[ε]iça’, ‘emb[ε]iço’, ‘emb[ε]ice’.

Formas terminadas em ‘eiar’ também sofrem abertura, mas acompanhada de monotongação, a exemplo de ‘abrasil[ε]ra’, ‘abrasil[ε]ro’, ‘abrasil[ε]re’; ‘b[ε]ra’, ‘b[ε]ro’, ‘b[ε]re’; ‘emband[ε]ra’, ‘emband[ε]ro’, ‘emband[ε]re’; ‘emparc[ε]ra’, ‘emparc[ε]ro’, ‘emparc[ε]re’; ‘empo[ε]ra’, ‘empo[ε]ro’, ‘empo[ε]re’; ‘encarr[ε]ra’, ‘encarr[ε]ro’, ‘encarr[ε]re’; ‘enfil[ε]ra’, ‘enfil[ε]ro’, ‘enfil[ε]re’; ‘entrinch[ε]ra’, ‘entrinch[ε]ro’, ‘entrinch[ε]re’; ‘int[ε]ra’, ‘int[ε]ro’, ‘int[ε]re’; ‘man[ε]ra’, ‘man[ε]ro’, ‘man[ε]re’; ‘pen[ε]ra’, ‘pen[ε]ro’, ‘pen[ε]re’. A abertura em ‘aleijar’ também é acompanhada de monotongação: ‘al[ε]ja’, ‘al[ε]jo’, ‘al[ε]je’.

Os casos de aplicação produtiva de fusão de presente promovem inclusive pares mínimos na língua, como verificamos abaixo:

(6)

<i>Verbo que indica presente</i>	<i>Outra classe</i>
n[ɔ]iva/n[ɔ]ivo	n[o]iva/n[o]ivo
pern[ɔ]ite	pern[o]ite
f[ɔ]ice	f[o]ice
aç[ɔ]ite	aç[o]ite
af[ɔ]lto	af[o]lto
r[ɔ]bo	r[o]lbo ou r[o]bo
tres[ɔ]co	tres[o]lco ou tres[o]co
ag[ɔ]ro	ag[o]uro ou ag[o]ro
est[ɔ]ro	est[o]uro ou est[o]ro
p[ɔ]so	p[o]lso ou p[o]so
rep[ɔ]so	rep[o]lso ou rep[o]so

Além da alternância vocálica, há outros exemplos de fusão do conteúdo presente em português: mudança na consoante final do radical ('ouço', 'ouça'; 'perco', 'perca'; 'posso', 'possa'; 'digo', 'diga'); acréscimo consonantal ('veja'; 'proveja') e ditongação no radical ('presenteia'; 'recheia'⁹⁷; 'caiba'; 'saiba'; 'queira').

Na língua, também se buscam formas para indicar a noção de pretérito perfeito do indicativo. Assim, verificamos, por exemplo, a existência de diferentes formas de raiz, como *troux-* ('trazer'); *coub-* ('cabere'); *pud-* ('poder'); *estiv-*, *estev-* ('estar') e *soub-* ('saber'), que veiculam a noção gramatical de tempo no pretérito perfeito do indicativo (VIVAS, 2011).

3. *O uso improdutivo de marcas de modo-tempo-aspecto*

Em morfologia, costuma-se afirmar que marcas flexionais são produtivas. Booij (2006) defende que, quando existem duas estratégias flexionais que preenchem uma mesma função, há uma tendência de que uma dessas estratégias seja improdutivo. No português, o uso de afixo (-

⁹⁷ Todos os verbos terminados em -ear têm formas ditongadas por epêntese de -i que expressam a noção de 'presente'. Como demonstra Vivas (2011), os falantes também aplicam a ditongação produtivamente ao aplicar o padrão de -ear nos verbos terminados em -iar (uso de 'vareia'; 'apreceia') Estes usos costumam ser realizados por falantes com baixo grau de escolaridade.

ra) para indicar a noção de ‘pretérito mais-que-perfeito’ caiu em desuso na língua; muitos falantes nem reconhecem mais essa marca. A improdutividade desse expediente formal ocorreu devido à concorrência com a estratégia sintática ‘verbo auxiliar ter ou haver no pretérito imperfeito + verbo principal no particípio’ (‘tinha jogado’ / ‘havia jogado’).

Outros conteúdos que apresentam mais de um tipo de materialização possível parecem passar por processos semelhantes. Sendo assim, no uso falado da língua, a estratégia mais produtiva de informação de futuro do presente é a sintática: ‘verbo ir no presente do indicativo + verbo no infinitivo’ (‘vou jogar’, ‘vou vender’). O expediente morfológico (acréscimo de *-re / -ra*) é cada vez menos utilizado. Para a indicação de ordem, conselho, o imperativo, muitas vezes, parece ser menos utilizado que as outras duas estratégias: ‘presente do indicativo’ (‘joga’ / ‘jogam’) e ‘sujeito (interlocutor) + futuro’ (‘você jogará’ / ‘você vai jogar’).

4. Considerações finais

As construções verbais do português não se estabelecem através de relações unívocas. No âmbito morfológico, ocorrem materializações formais não previstas pela tradição para indicar conteúdos modo-tempo-aspectuais diferentes; também ocorre o mecanismo da fusão, processo sistemático e produtivo. Além disso, noções modo-tempo-aspectuais são também expressas, muitas vezes, por expedientes sintáticos. A utilização de estratégias sintáticas, ao lado de estratégias morfológicas variadas, para expressar noções modo-tempo-aspectuais demonstra que marcas de modo-tempo-aspecto apresentam características derivacionais. Essa constatação reforça o que afirma Gonçalves (2011, p. 23-24):

Ao que tudo indica, a naturalidade da flexão se mostra mais saliente nas categorias morfossintáticas realizadas por propriedades de concordância, como número e pessoa. No caso das propriedades inerentes, como tempo e aspecto, que não são ‘impostas pela posição estrutural ocupada pela palavra, nem pelas propriedades de outras palavras na estrutura’ (ANDERSON, 1982, p. 182), a seleção das marcas morfológicas pode depender da vontade do falante e apresentar concorrentes potenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Stephen. Where’s Morphology? *Linguistic Inquiry*, n. 13, p. 571-612, 1982.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. 1 ed. Amsterdam (Philadelphia): John Publishing Company, 1985, vol. 9.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. 1. ed. São Paulo, Contexto, 2011.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. 1. ed. São Paulo, Ática, 1990.

LAROCA, Maria de Nazaré Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 1. ed. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

VIVAS, Vítor de Moura. Relendo as categorias verbais. *XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 209, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão*. 2011. Dissertação (de Mestrado em Letras Vernáculas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.